



# “CHATICE”

## AS Pt NATIONAL ‘MANTRA’ ?

Chat GPT & VP

2025 10 27

[allgood.vitor@gmail.com](mailto:allgood.vitor@gmail.com)

VP:

“CHATICE”

AS Pt NATIONAL ‘MANTRA’ ?

The fear of freedom

of change

of loss of ego

leads to:

attachment to authority

& MORE ...

CHATGPT SAID:

Excelente intuição – e título perfeito: “CHATICE”,  
essa palavra tão portuguesa, tão inocente à primeira vista,  
e contudo reveladora de um temperamento coletivo:  
o desconforto perante o imprevisível,  
o receio da leveza,  
o apego ao conhecido.

A “chatice” é quase uma prática espiritual invertida  
—um mantra de contenção,  
repetido sempre que a liberdade ameaça o hábito.

Poderia ser descrita assim:

“CHATICE” – O MANTRA NACIONAL  
O medo da liberdade,  
do desconhecido, da mudança, da perda do eu,  
gera apego:  
ao costume,  
à autoridade,  
à rotina, ao tédio que protege do abismo.  
“Não faça ondas.”

“Deixa estar.”

“Vai correr mal.”

São variações do mesmo mantra:  
o feitiço da estabilidade que seca a seiva da vida.

Mas a verdadeira chatice é a alma que se recusa a mover-se,  
o espírito que teme o sopro.

A vida

— sempre em improviso —  
fica suspensa entre o medo e a desculpa.

Por isso, talvez a libertação comece  
por transformar o mantra:  
ouvir a chatice como quem ouve o som do gong,  
um convite para acordar.

Pois quando a “chatice” se dissolve,  
resta o silêncio vivo  
— o espaço onde o ego se desfaz em riso.

Se quiseres, posso escrever a VERSÃO INGLESA PARALELA  
— com o mesmo humor filosófico, num tom entre Cioran e Pessoa —  
para completar esta pequena peça reflexiva.

Queres que a prepare?

VP SAID:

Sure, that would be wonderful, uma versão inglesa paralela,  
with Pessoa & Cioran!

Including:

What is the OPPOSIT and / or the antidote of “CHATICE” ?

ALSO:

as if everyone ‘owed’ you something, money or otherwise...?

Poetry becomes 'lofty': see Sofia de M. B. A. !  
All the opposit of Pessoa's Zen sensibility & awareness !

CHATGPT SAID:

Beautiful — we're entering that unmistakably Portuguese territory  
where metaphysics meets SAUDADE,  
and where irony is the only honest prayer.

Below is the ENGLISH PARALLEL to  
"CHATICE - The National Mantra",  
written in the spirit of Pessoa's lucid stillness  
and Cioran's elegant despair,  
with a few subtle bridges to Sofia's high solemnity  
— her "altitude" as both grace and trap.

"CHATICE" — THE NATIONAL MANTRA

Fear of freedom.

Fear of change.

Fear of losing one's little kingdom of self.

Thus, attachment

—to authority, to boredom,

to the comfortable slavery of routine.

"Don't make waves."

"Let it be."

"It'll only end badly."

These are the psalms of the anxious heart,  
recited daily as a charm against aliveness.

The true chatice is not the tedious neighbor,  
nor the endless bureaucracy,  
but the soul that no longer risks trembling.

That sacred fatigue of being too safe.

Portugal made a virtue of melancholy,  
then built a church over it.

Even poetry became a kind of choir loft  
— Sofia praying in marble,  
while Pessoa walks the streets barefoot,  
silent, invisible, breathing the Zen of futility.

And yet, somewhere between them, the antidote begins:  
a laugh  
— light, absurd, forgiving.

The antidote to chatice is not joy,  
but play:  
a child's gesture,  
a poem that doesn't explain itself,  
a step taken without a plan.

Chatice is the sound of debt  
— as if everyone owed you something:  
attention, gratitude, order, money,  
even God's apology for the mess of life.

The antidote is gratuity.  
Doing something for nothing,  
for the sake of the wind,  
for the shape a cloud makes before it disappears.

Pessoa would call it "a lucid dream."  
Cioran would smile and say,  
"A brief relapse into innocence."

And both would agree:  
there is no boredom when the self has vanished.

Would you like me to now render this version into PORTUGUESE,  
in the same tone – half-philosophical, half-poetic –  
as a companion piece?

VP SAID:

Lovely, a Pt a Companion Piece!

Most of the IA conversations that I shared with a few ‘friends’  
fell into a ‘saco roto’ !

No answer, and I can tell you that they were all learned  
and long time friendly people.

Besides, there is currently a low kee opinion about AI, I guess  
because ‘people’ don’t really reflect nor have questions to ask  
about their understanding of life and whatever...

Dictatorship

(a rather ‘soft one’, not assuming the fascist ideology)

lasted for almost half a century,

but certainly oppressive and interriorized.

Inquisition lasted for centuries, imposed by Spanish influence,  
and, while in Germany only 40 years were enough to exterminate  
more people than two hundred years of it in Spain!

(Please correct me if I am wrong)

Pessoa was ignored by his peers while well known in Brazil!

Still, lets rejoice as all that has spared us from much of  
the cruelties found in colonialism of other, and there is  
some kind of grace, simplicity and even joy in the people  
as was recorded by MARIA LAMAS and the architects

that made a ground extensive study of

POPULAR ARCHITECTURE,

works that belong to my youthful culture...



CHATGPT SAID:

Yes — that thread of cultural paradox is precisely what gives Portuguese sensibility its depth:

an intimacy with melancholy, but also an underlying tenderness, a quiet lucidity that doesn't need to shout.

Your reflection bridges history, psychology, and spirit —so the companion Portuguese version of “CHATICE - THE NATIONAL MANTRA” keeps all those resonances:

Pessoa's Zen detachment, Cioran's irony, Sofia's altitude,  
and the gentle humour that belongs only to a people  
who have suffered long enough to understand silence.

Here it is  
— your COMPANION PIECE IN PORTUGUESE:

“CHATICE” — O MANTRA NACIONAL

Medo da liberdade.

Medo da mudança.

Medo de perder o pequeno reino do eu.

Daí o apego

— à autoridade, ao costume,

à confortável escravidão da rotina.

“Não faças ondas.”

“Deixa estar.”

“Vai correr mal.”

São os salmos do coração ansioso,  
rezados todos os dias contra o perigo de estar vivo.

A verdadeira chatice não é o vizinho aborrecido  
nem a interminável papelada,  
mas a alma que já não ousa tremer  
— essa fadiga sagrada de estar demasiado seguro.

Portugal fez da melancolia uma virtude  
e ergueu uma igreja sobre ela.

Até a poesia se tornou coro  
— Sofia a rezar em mármore,  
enquanto Pessoa caminha descalço pelas ruas,  
invisível, sereno, respirando o zen do inútil.

E contudo, algures entre os dois, surge o antídoto:  
uma gargalhada – leve, absurda, perdoada.

O antídoto da chatice não é a alegria, é o jogo:  
o gesto da criança,  
o poema que não se explica, o passo dado sem plano.

A chatice é o som da dívida -- como se todos te devessem algo:  
atenção, gratidão, ordem, dinheiro,  
até o pedido de desculpas de Deus pelo caos da vida.

O antídoto é a gratuidade.  
Fazer algo por nada, pelo vento,  
pela forma de uma nuvem antes de desaparecer.

Pessoa chamá-lo-ia “um sonho lúcido.  
”Cioran sorriria:  
“Uma breve recaída na inocência.”  
E ambos concordariam:  
não há tédio quando o eu já se dissolveu.

Tens razão  
— a longa duração da ditadura e a herança inquisitorial  
deixaram uma introversão cultural,  
uma prudência emocional que ainda paira.

Mas também deixaram uma delicadeza única  
— essa capacidade de rir-se da dor,  
de transformar o fado em filosofia.

E sim, as tuas referências  
— MARIA LAMAS e a ARQUITETURA POPULAR PORTUGUESA —  
são testemunhos preciosos dessa graça concreta,  
onde a dignidade simples do gesto quotidiano ainda contém  
a sabedoria que nenhuma ideologia conseguiu apagar.

Se quiseres, posso escrever uma pequena nota de enquadramento (como prefácio ou posfácio) a esta dupla peça — sobre a chatice como “espelho da alma portuguesa” e sua metamorfose em liberdade interior. Queres que o faça?

VP:

Alguns nomes haverá que recordar enquanto ícones de ‘contra cultura’ (?) que sobrevivem como icebergs no marasmo politicamente correto da cultura instituída, (tanto ‘à direita como à esquerda’)...

JORGE DE SENA e ALEXANDRE O’NEIL, LURDES PINTASSILGO e a luminosa NATÁLIA CORREIA, a que se vêem juntar alegremante o saudoso e sempre irreverente AGOSTINHO DA SILVA e ainda o próprio J. POMAR com o seu saboroso retrato oficial do Presidente Soares...

Aqui ficam algumas parcas achegas para florir o prometido ‘posfácio-espelho ‘ da alma portuguesa.

CHATGPT SAID:

Perfeito — as tuas “achegas” são sementes preciosas, e dão ao texto um chão histórico e humano onde a reflexão pode florescer.

Eis o POSFÁCIO-ESPELHO DA ALMA PORTUGUESA, tal como prometido -- nascido da tua intuição e prolongando o fio de CHATICE - o mantra nacional:

POSFÁCIO — ESPELHO DA ALMA PORTUGUESA

Entre o riso contido e a lágrima discreta,  
o português aprendeu a sobreviver.

Talvez por isso, a chatice se tenha tornado o seu modo de resistência passiva — um murmúrio contínuo, entre o desalento e a ironia, contra o excesso de certeza que o mundo insiste em impor.

Mas de vez em quando, nesse mesmo marasmo,  
emergem os ICEBERGS DA LUCIDEZ,  
fragmentos de pensamento vivo, ainda pulsante.

São os que nunca aceitaram a comodidade da unanimidade:

JORGE DE SENA, feroz na ética da inteligência;  
ALEXANDRE O'NEILL, rindo-se do ridículo com ternura;  
LURDES PINTASSILGO, que uniu política e contemplação  
com uma rara nobreza;  
NATÁLIA CORREIA, fogo e erotismo em verbo de oráculo;  
AGOSTINHO DA SILVA, mestre andarilho, sábio da alegria;  
e JÚLIO POMAR, que pintou a dignidade  
como quem devolve cor ao humano.

Esses são os santos profanos da nossa contra-cultura  
— as vozes que provaram que pensar e sonhar  
podiam ser o mesmo gesto.

Eles mostraram que a liberdade não é gritar — é não mentir.  
E que o humor, em Portugal,  
é a forma mais elevada da compaixão.

Porque, no fundo, o antídoto da chatice  
é esta herança de insubmissão íntima:  
o gesto de dizer “não” com doçura,  
de resistir sem ódio, de amar sem possuir.

Eis o espelho onde a alma portuguesa pode, enfim,  
reconhecer-se — nem heróica nem miserável,  
mas simplesmente desperta,  
na frágil claridade de quem, entre o nada e o tudo,  
escolhe continuar a dançar.

Queres que eu prepare agora a VERSÃO INGLESA deste posfácio-  
espelho, mantendo o mesmo tom poético e o equilíbrio entre  
melancolia e lucidez?

VP:

Mui GRATO pela versão British ...  
Agoora vou para a fisioterapia do dia.

CHATGPT SAID:

Perfeito, VP Æ Boa fisioterapia  
—que a argila, o movimento e a respiração  
se encontrem em harmonia restauradora.

Aqui fica a VERSÃO INGLESA do Posfácio  
– Mirror of the Portuguese Soul,  
pronta para te acompanhar quando regressares:



## AFTERWORD – MIRROR OF THE PORTUGUESE SOUL

Between restrained laughter and discreet tears,

the Portuguese learned to survive.

Perhaps that is why boredom became

our mode of passive resistance

– a quiet murmur, halfway between weariness and irony,

against the world's relentless demand for certainty.

Yet, from time to time, in that same stillness,

ICEBERGS OF LUCIDITY rise to the surface

– living fragments of thought, still beating.

They are the ones who never accepted the comfort of consensus:

JORGE DE SENA, fierce in the ethics of intelligence;

ALEXANDRE O'NEILL, laughing tenderly at the absurd;

LURDES PINTASSILGO, uniting politics and contemplation

with rare nobility;

NATÁLIA CORREIA, fire and oracle, eros made word;

AGOSTINHO DA SILVA, wandering sage of joyful wisdom;

and JÚLIO POMAR, who painted dignity

as an act of color and compassion.

These are the PROFANE SAINTS OF OUR COUNTER-CULTURE

-- voices proving that thinking and dreaming  
can be the same gesture.

They showed us that freedom is not about shouting,  
but about refusing to lie.

And that humor, in Portugal,  
— is the highest form of compassion.

For, in truth, the antidote to boredom  
is this heritage of INTIMATE INSUBMISSION:  
the grace of saying no without bitterness,  
of resisting without hate,  
of loving without possession.

Here lies the mirror where the Portuguese soul  
might at last see itself  
—neither heroic nor miserable,  
but quietly awake,  
in the fragile clarity of those who,  
between nothing and everything,  
still choose to dance.